

Walter Benjamin

Estética • Política Literatura • Psicanálise

Ricardo Timm de Souza Bruna de Oliveira Bortolini
Manuela Sampaio de Mattos Oneide Perius
 Helano Ribeiro Francisco Fianco
Tiago dos Santos Rodrigues Janniny Gautério Kierniew
 Evandro Pontel Gabriela Nascimento Souza
(Orgs.)



Walter Benjamin

Estética, Política, Literatura, Psicanálise

Atas do I Congresso Internacional
Walter Benjamin: barbárie e memória ética

Organização:

Ricardo Timm de Souza
Manuela Sampaio de Mattos
Helano Ribeiro
Tiago dos Santos Rodrigues
Evandro Pontel
Bruna de Oliveira Bortolini
Oneide Perius
Francisco Fianco
Janniny Gautério Kierniew
Gabriela Nascimento Souza



Diagramação: Marcelo A. S. Alves

Capa: Carole Kümmecke - <https://www.behance.net/CaroleKummecke>

O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.



Todos os livros publicados pela Editora Fi estão sob os direitos da [Creative Commons 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR) https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



Associação Brasileira de Editores Científicos

<http://www.abecbrasil.org.br>

Série Filosofia e Interdisciplinaridade — 104

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

SOUZA, Ricardo Timm de; et al (Orgs.)

Walter Benjamin: estética, política, literatura, psicanálise [recurso eletrônico] / Ricardo Timm de Souza et al (Orgs.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2019.

649 p.

ISBN - 978-85-5696-564-6

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. Filosofia; 2. Walter Benjamin; 3. Estética; 4. Literatura; 5. Psicanálise; I. Título II. Série

CDD: 100

Índices para catálogo sistemático:

1. Filosofia 100

A narrativa como desvio: quando os restos tornam-se rastros de um por vir

Brida Emanoele Spohn Cezar¹

Luis Artur Costa²

1 Clarão que enseja travessia

Quando o corpo já se permitia transbordar as linhas que compunham a dissertação intitulada “A ética da memória nos trilhos da ferrovia: narrativas poéticas de um processo de pesquisa”, eis que seus efeitos relançavam-nos outra vez a percorrê-la. Na medida em que olhares atentos puderam debruçar-se sobre os seus versos, interferências e reverberações emergiram atestando o estado de permanente inacabamento de toda produção que tem como destinatário o mundo. O retorno, sob a condição da diferenciação e do inevitável ultrapassamento das margens já conhecidas e habitadas anteriormente, proporcionou o reencontro com Walter Benjamin e uma trama de articulações em torno de três fragmentos da obra “Imagens de pensamento”. Tal movimento, ao mesmo tempo de aproximação e distanciamento, visto que apenas no avesso do dentro que seria o fora conseguimos operar esta reflexão, implica em certa abertura para a experimentação. O “*Spielraum*” ou “espaço de jogo”, de acordo

¹ Mestre em Psicologia Social e Institucional (UFRGS). E-mail: bridacezar@gmail.com

² Docente adjunto do Departamento de Psicologia Social e Institucional e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional (UFRGS). E-mail: larturcosta@gmail.com

com Jeanne Marie Gagnebin³, é justamente esse brincar que não cessa de transformar a realidade e desenhar fissuras no que considerava-se eterno ou definitivo: é nesta encruzilhada que a vida questiona os saberes constituídos e convoca-os à desmontagem e ao inusitado que advém do acaso e do improvisado.

A narrativa, ao situar-se na contramão da informação, instaura a possibilidade de atualização não das novidades, ávidas por imediata substituição, mas dos restos que insistem em pedir passagem. Ocorre que a proposta de utilizá-los, segundo Benjamin⁴, não corresponde à ânsia de erigir um inventário, transformando-os em relíquias intocáveis, e sim no manuseio que os envolve e reposiciona a cada vez em um novo lance de dados. Os fragmentos não são capazes ou tampouco se propõem a restituir o passado, o qual se mantém inconcluso e suscetível às experiências do presente, desafiadoras no sentido dos abalos que lhe outorgam, impedindo-o de conservar-se intacto ou imutável. As imagens fugidias que relampejam na forma de uma recordação reclamam por espaço para fazer a sua travessia, imbricando-se no instante que ocupa-se de tecê-las e revolvê-las proporcionando-lhes inédita posição e função. A escuta dos murmúrios e a percepção dos vestígios requer um tipo de atenção que não se conforma ao hábito, demasiadamente distraído para as clivagens e desvios que subitamente são traçados a partir de um clarão apreendido. As lascas que desprendem-se de seu paradeiro primeiro inauguram para o narrador a oportunidade de mergulhar nos fluxos da história, de modo a desorientar e a romper com sua pretensa homogeneidade, escovando-a a contrapelo⁵.

A pesquisadora, antes de dar início ao movimento de reunir os antigos moradores de sua terra natal, é acometida por uma

³ GAGNEBIN, Jeanne M. Sobre a noção de Spielraum em Walter Benjamin: resistência e inventividade. In: *1 Congresso Internacional Walter Benjamin: Barbárie e Memória Ética*, 2018, Porto Alegre, PUCRS.

⁴ BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. p.502.

⁵ BENJAMIN, Walter. *O anjo da história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. p.13.

inquietação que advém das ruínas remanescentes da ferrovia desativada e dos usos que lhe foram atribuídos ao longo dos anos. A comunidade que viu a estação ser fechada testemunhou a retirada abrupta dos trilhos e a despedida das locomotivas, acompanhando em seguida a proliferação das obras que sem demora instalaram-se sobre a estrada e os estabelecimentos derrubados ou em vias de reforma para sua reocupação. A paisagem queria-se renovada em função dos ventos do progresso que se aproximavam, tudo haveria de ser expandido, redesenhado e reordenado com vistas a atender a demanda de crescimento e urbanização. As fagulhas do trem impedidas de queimar arrastaram-se pelas ruas e avenidas como uma densa camada de poeira vagarosa ao se dissipar, materializando-se nas paredes ou árvores esquecidas que sobreviveram lado a lado com os objetos descartados. Às gerações estreitamente afinadas com o cotidiano engendrado pela viação férrea impôs-se a ruptura do desmonte e da progressiva dispersão das linhas e fluxos a ela associados, o que acarretou no deslocamento irreversível dos atores e enredos até então por eles protagonizados.

Senhoras e senhores desta comunidade, ao serem convidados para integrar um grupo que viria a se debruçar sobre a memória da rede ferroviária inscrita na cidade, decidem mobilizar os seus corpos na composição coletiva de uma teia narrativa. A sustentação do processo escapa das mãos de um único indivíduo e se espalha pelos fios que se entrelaçam, revelando sua potência justamente na ausência de controle e previsão acerca do percurso da rede e de seus desenlaces. O desdobramento e a sobreposição das camadas do tempo visibilizam sua descontinuidade e velocidade destoante quando atravessa regiões permeadas de afetos e intensidades, comunicados mediante a costura dos gestos com as palavras. A intervenção que se propôs a trabalhar com aquilo que restou enquanto marca e faísca dos trilhos, tornou-se território para a escrita que adquiriu forma e consistência durante o mestrado da autora. As dobras no tecido heterogêneo da memória se multiplicaram distendendo-o, pois deixaram de abarcar somente os recortes espaço-temporais

arraigados na estação e passaram a tensionar as cenas da pesquisa realizada ainda na graduação, na medida em que esta retirou-se do campo e adentrou as malhas da ficção. O desafio lançado na operação de cerzir uma tal colcha de retalhos diz respeito à variação inerente à duração, perdida caso os sinais luminosos não sejam reconhecidos desde a perspectiva do presente que está contraído nas insurgências do passado.

2 Por uma ética da narrativa

Libertar-se da onda explicativa que engole as histórias antes destas desabrocharem e decreta o fim do cultivo das suas sementes, incapazes de germinar em solo tão árido⁶. A narração requer um meio de transmissão favorável ao movimento e não à estagnação, que paralisa a ação em detrimento dos juízos e das generalizações. Os seus versos não se submetem a uma conclusão, dada sua inclinação à permanente retomada e reinvenção, apesar dos intervalos que decretam o declínio e a desaceleração, subvertidos a qualquer instante e a partir de qualquer entrada através da qual o pensamento deslanche. Passível de se desenvolver após longos períodos de reticência e suspensão, despertando e provocando em cada reaparecimento espanto e reflexão, a narrativa é este fenômeno, conforme Benjamin, que não se esgota. Desobedientes ao tempo cronológico mostraram-se as experiências vividas junto à ferrovia, na medida em que conservaram seu potencial e aguardavam apenas o momento oportuno para se desenrolar. O reencontro de seus atores e a escuta do grupo proporcionada pela pesquisadora impulsionou outra vez o balanço da corrente, desprovida da promessa de um destino prévio a ser cumprida. Pelo contrário, tratar-se-ia do desenho de uma bifurcação, forjada ao dar-se voz e visibilidade aos resíduos anacrônicos que ultrapassam a morte e a aniquilação em busca do esquecimento.

⁶ Parágrafo inspirado no texto “Arte de narrar”. In: BENJAMIN, Walter. *Imagens de pensamento. Sobre o haxixe e outras drogas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017a. pp.130-132.

Ao adquirir velocidade e ver-se fortalecida pelo incremento de suas forças, a arte de narrar esbarra no dique sustentado pela dor que lhe torna inacessível e intransponível, exceto quando vem a ser enfrentado e suficientemente esburacado pelo conto a ponto de ser derrubado⁷. O luto apresenta-se como metamorfose desencadeada mediante uma aposta de demorar-se nas perdas para reconciliar-se com elas, abandonando as vestes enferrujadas e dismanteladas pelo tempo para valer-se daquelas que ele ofereceu em seu lugar, sem a impotência que fere por não conseguir emudecer os ruídos das catástrofes e tragédias. Ao recusar o silêncio que nega qualquer tentativa de elaboração, a narrativa se propõe a romper com o ressentimento para traçar desvios insuspeitos, capazes em alguns casos de reconduzir o leito até a foz do olvido alegre, compreendido por Benjamin no sentido da cura associada ao relato. Ao entregar-se a este espaço de fortes arrebentações, tanto os senhores como quem se colocou diante deles desliza sobre a oportunidade de refazer-se e reposicionar-se no curso da história, permitindo-se continuar a escrevê-la. Apesar das perdas sofridas, de um lado a ferrovia despedaçada e de outro os próprios sujeitos pesquisados em progressivo desaparecimento, as matérias pululam como vagalumes à espera do olhar, ecos a balbuciar canções que ainda não foram inventadas.

Tão importante quanto escavar o solo e deparar-se com seus excrementos é questionar-se acerca de como posicioná-los no presente, ocupando-se menos de um relatório investigativo e mais de um desdobramento dos seus efeitos⁸. A recordação, nesta perspectiva, não pertence a um cenário distante e alheio ao que nos acontece, pelo contrário, trata-se do fundo que no revirar da pá deixa de sê-lo para tornar-se superfície. O plano não se esgota e desta forma visibiliza a recriação permanente alicerçada nas

⁷ Parágrafo inspirado no texto “Conto e cura”. In: BENJAMIN, Walter. *Imagens de pensamento. Sobre o haxixe e outras drogas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017a. p.124.

⁸ Parágrafo inspirado no texto “Escavar e recordar”. In: BENJAMIN, Walter. *Imagens de pensamento. Sobre o haxixe e outras drogas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017a. p.101.

imagens que vira e mexe interceptam o agora interrogando-o em sua abertura e orientação. Ocupando-se de uma centelha engendra-se o seu deslocamento, visto que embarca-se em nova viagem, completamente avessa ao resgate dos trilhos ou a sua paralisação. Os vagões movem-se pelo desejo de atravessar terras insuspeitas, descortinando paisagens que não se querem as mesmas de antigamente, é na diferença e não no retorno do idêntico que a dimensão ética da memória se apresenta. O giro do carrossel⁹ que aos solavancos progride sobre o tablado rodeado por animais mecânicos rasura e se mistura a cada volta com as anteriores, impossibilitado de dar continuidade a não ser pelo ímpeto de recomeçar, dispondo-se a borrar e a perder-se do que já foi. Embora a criança aviste em suas margens reiteradamente o rosto da mãe ou a copa de uma árvore, é nalgum Oriente que estes reaparecem, demonstrando o quão suscetível à impermanência está uma dada linha tangencial.

Retratos nasceram a partir da escrita ensaística da dissertação e interferiram em sua produção, de maneira a conferir-lhe um corpo singular sensível às virtualidades e aos acontecimentos, sem a pretensão de representar o mundo, mas de dar visibilidade ao seu escoamento. Eles não se encarregaram de fixar o tempo em determinadas fotografias ou quadros, e sim de submergir na sua espessura para realizar pequenas pregas ou costuras, sempre provisórias e de alcance limitado, por referirem-se a um conhecimento localizado e não universal. Sob certos aspectos, podem ser lidos como fissuras que cedem passagem aos farrapos e às sutilezas ignorados pela história oficial, propositalmente descolados da sombra de uma verdade unívoca e imparcial. A ficção auxilia-nos neste ponto, quando agimos frente ao desmantelamento das formas sem esperar pela sua restituição ou tampouco interromper o aparecimento dos restos atemporais e disformes, partícipes da trama

⁹ BENJAMIN, Walter. "Carrossel". In: BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única. Infância berlinense: 1900*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017b. p.115.

de complexificação do real. É ao distanciar-se do exercício empenhado em sua fabricação que os retratos aproximam-se de uma articulação com os escritos de Benjamin em a “Arte de narrar”, “Conto e cura” e “Escavar e recordar”. Há nas operações propostas nestes fragmentos elementos que tardiamente conduzem-nos a revisitar e a reler os versos compartilhados a seguir vislumbrando um presente em vias de se estabelecer.

3 Retratos da irreversibilidade¹⁰

O trem de carga cruzava a serra de madrugada, com os vagões cheios de gado, despertando a vizinhança se os trilhos estivessem escorregadios e molhados. Quem acordava com o barulho no meio da noite se divertia, enquanto que outros sonhavam e temiam ser atropelados pelo apito inconfundível que se aproximava. Ao entardecer, as crianças amontoavam-se nas janelas das casas à espera do trem, os seminaristas desciam o morro e encostavam-se no horizonte, abraçando o momento único da contemplação. Na roça, quando ele finalmente chegava, sinalizava para os colonos o horário da merenda, que reunia todos em círculo no chão, ou do almoço, que levava-os a regressar lentamente. Os trilhos serviam de estrada para chegar ao colégio, transitava-se com equilíbrio fantástico, desviando do barro que a sua volta se formava. Às vezes, desconfiava-se de um ruído, e era preciso deitar-se aproximando o ouvido para averiguar qualquer viagem traçada no improviso. Nos embarques a trabalho ou a passeio, recomendava-se tomar cuidado com as faíscas que subitamente invadiam a máquina em movimento, provocando grande alvoroço nos que estavam lá dentro. Nada disso nunca mais aconteceu. Virou um livro pesado de resquícios da saudade.

¹⁰ Os retratos apresentados integram a dissertação da autora, intitulada “*A ética da memória nos trilhos da ferrovia: narrativas poéticas de um processo de pesquisa*”, disponível no Repositório Digital da UFRGS.

4 Retrato da terra natal

Agora as coisas parecem fazer sentido, talvez nem tanto. Mas quando eu era criança para chegar ao jardim de infância tínhamos de subir uma rampa, sem encosto na lateral, parando sobre uma comprida plataforma em linha reta. Nossa sala era gelada no inverno e agradável no verão, pois feita de pedras irregulares, ajustadas entre si por uma fina camada de cimento. No intervalo descíamos para brincar numa pequena circunferência de grama, extrapolando-a e correndo pelo parque que emprestava-se como divisa e contorno àquele prédio de três ou quatro cômodos. Comemoramos aniversários e ensaiamos o abecedário ali, na antiga estação ferroviária, desconhecendo sua história, sua memória, sua origem, seus percursos e decursos. Ingenuamente habitamos e reinventamos o velho espaço de venda dos bilhetes, embarque dos passageiros e recepção das autoridades pela comunidade. Ninguém percebeu que o engate de ferro sobre a porta servia para pendurar um sino, ou que a tinta utilizada para tampar o nome da estação ainda estava fresca. Ninguém lembrou daquilo que os adultos permitiram esquecer ao varrerem para longe a poeira do tempo e dos sonhos perdidos.

5 Retrato da retirada dos trilhos

Naquela manhã em que tudo estava sendo levado embora, carregado em caminhões e amontoado nos galpões, um dos senhores percorreu o trecho da linha a pé, buscando encontrar os restos que os homens por engano ou indiferença deixaram para trás. O que mais se via eram os pregos enferrujados dos trilhos e os fios de cobre dos postes do telégrafo. Na extremidade destes postes havia vidrinhos coloridos, oriundos do estrangeiro, em sua maioria despedaçados após a forte intervenção das mãos de outrem. No entanto, alguns poucos sobreviveram intactos, exceto por meia dúzia de arranhões. O senhor os ajuntou e distribuiu para os

conhecidos, guardando para si um azul escuro e outro quase branco: são suas relíquias arqueológicas, os enfeites de sua varanda, uma recordação latente do que passou e foi embora.

6 Retrato das imagens da paisagem

Com as malas na mão o transeunte aguardava o embarque na estação. Dificilmente o trem de passageiros se atrasava, ao longe se vislumbrava a sua imponente nuvem branca de fumaça. O destino à Caxias do Sul seguia por Barão, Carlos Barbosa, Garibaldi e Bento Gonçalves, ao passo que para visitar a distante Porto Alegre atravessava-se o túnel da Linha Bonita, contornando montanhas e vales para chegar até Montenegro. Logo na saída assistia-se ao adeus dos parentes e amigos, em seguida, o olhar junto a janela surpreendia-se com as grandes plantações e matas nativas, que de repente transformavam-se em luzes multicoloridas e ruídos do asfalto da cidade. No desembarque, aquela felicidade, tamanha era a curiosidade ao se deparar com outras pessoas e lugares, os dias corriam depressa e a saudade aumentava conforme a distância e a demora em retornar de viagem. Situação distinta acontecia se o motivo da partida entristecia, como quando alguém adoecia. A espera era longa para quem dependia de medicamentos que o trem trazia, assim como o pão, o tecido, as correspondências, os materiais de construção, os utensílios domésticos e o próprio rádio e a televisão. Ao mesmo tempo, despachavam-se vagões com lenha, couro curtido, galinha caipira, amendoim, repolho, ovos, queijos e as fatiotas sob encomenda tecidas pelos alfaiates.

7 Retrato de uma nova instalação

Os funcionários da prefeitura atravessam o túnel como se fossem vagões, vem e vão várias vezes num único dia, apitando para sinalizar a sua correria. Transportam terra e adubo para o plantio das mudas nos canteiros, preocupados também com as

placas e os letreiros. A iluminação dos postes é insuficiente, então providenciaram lâmpadas mais potentes que afastam a escuridão e facilitam a qualquer hora a circulação. Uma calçada coberta e um estacionamento já existem em projeto e orçamento, com vistas a impedir a formação do lamaceiro e proporcionar maior conforto e segurança durante o passeio. Os morcegos e os moradores que ocupavam a região retiraram-se espantados desde o surgimento abrupto da aglomeração: trabalhadores e turistas vieram para habitar a sombra úmida daqueles vãos, outrora testemunhas do ruído manso da água escorrendo pelo paredão, ou do trem patinando sobre os trilhos onde as crianças punham sabão. A procura do que estão os que desembarcam numa manhã de domingo em meio à cerração? Marcham adensando a multidão e regressam para a sua lotação a imaginar a próxima fotografia, no próximo destino ancestral da condução.

8 Retrato de um amanhã sem promessas

Pelo para-brisa do carro avisto o zigue-zague que sinaliza a proximidade da cidade. As placas indicam perigo e solicitam reduzir a velocidade. O vale concentra as nuvens que de tão pesadas não puderam subir, o olhar se lança além do precipício sem cair. A contemplação desacelera a marcha e leva o corpo a se distrair, os que têm pressa não param para assistir. O pórtico de entrada é o mesmo, porém, com outra estrada, interpelada pelas obras intercaladas. Quando uma acaba, despontam mais duas ao seu lado, e assim não se cansam os vizinhos de tantos gramados e telhados renovados. Os lugares, eu os reconheço deformados, contrariando uma fisionomia para mim consolidada. Noto que me perco ao tentar localizar aquele detalhe ofuscado, despercebido a ponto de ser enterrado. Salvador do Sul sobrevêm como um pássaro que bate as asas desesperado, lutando para sobreviver sem as paredes e preces do seu passado.

9 Retrato do bonde ao vento: por uma estética do esquecimento

Quando o trem saiu de circulação, a comunidade se perguntava se poderia ficar com o sino que a rede ferroviária colocara na estação, para fazê-lo tocar ainda que sem o antigo propósito de anunciar a locomotiva em sua aproximação. Do Rio de Janeiro chegou uma correspondência que negava tal solicitação, instruindo os moradores a retirar e devolver o sino em tempo de lhe endereçarem a um novo destino. O engate permaneceu vazio, recebendo ao longo dos anos camadas de tinta e verniz, caso alguém decidisse prestar-lhe atenção ou até mesmo atribuir-lhe outra função. Em Porto Alegre, avisto pelas ruas um bonde dependurado com o seu respectivo pedaço de trilho, amontoaram-no com prateleiras e louças de porcelana que conseguiriam ser usadas, se houvesse escada e a passagem não estivesse fechada. Do lado de fora, sobre o telhado e junto às janelas do bonde estacionado, proliferam-se as armações de ferro em formatos vários: são lamparinas, camas, mesas e cadeiras enferrujadas, entregues ao uso do vento e da chuva acumulada. Fluxos interrompidos? Farrapos inventariados? Através da narrativa, nós nos propomos simplesmente a reutilizá-los, não para que se encarregassem do passado, mas sim para que tratassem de abandoná-lo em nome de uma vida e obra por vir.

10 Restos que forjam desvios

O ponto final de uma história é apenas um intervalo se imaginarmos que a qualquer tempo esta poderá ser revisitada e outra vez desdobrada, mediante a aposta de integrar seu curso sem delimitar o seu alcance. A pesquisa também é acometida pela proliferação de ecos e questões que abalam todas as tentativas de finalização, sempre momentâneas e passíveis de implosão pelos seus arranjos posteriores. A narração exige que aceite-se o convite para habitar uma zona de indefinição, onde não há roteiro previamente

definido e processos que garantam uma permanência sem transformação. Ao passo em que os senhores discorrem sobre a ferrovia estão rasurando os seus antigos enredos e favorecendo o surgimento de novos cenários, como se ao subir nos trilhos da memória pudessem atualizá-la a ponto de desgoverná-la. Ao propor-se o exercício da escrita, a pesquisadora desconhece o encadeamento a que se emprestarão os retratos, saltando entre eles e deixando híbridas as suas paisagens conforme se afasta de sua terra natal e da experiência anterior com a comunidade. Inaugura-se em ambos os casos, seja na palavra escrita ou falada, a possibilidade do esquecimento alegre, não avessa à inscrição dos afetos que continuam a realocar os vestígios do passado no presente, porém, prestes a metamorfoseá-los nos versos que ao curvarem-se sobre os desmoronamentos forjam desvios. As ruínas, quando apartadas do processo de luto que lhes corresponde, acumulam-se numa pilha de escombros, fazendo com que o *Angelus Novus*¹¹ de Klee permaneça fixado nos destroços apesar de suas asas hasteadas pelo vento impassível que arrasta-o na direção oposta.

O trilho caído da história não será reconstruído, o arquivo apagado permanece sem ser resgatado, o museu nacional ainda clama sem chamadas pelo que lhe foi extirpado. Os restos, todavia, insistem, não são passíveis de descarte, uma vez que mostram-se escorregadios à destruição e ao desaparecimento absoluto. O fim é sempre provisório, divergente e singular, nele habitam os rastros que usamos para passar. As cidades não se oferecem como ponto de estabilidade alheia a toda derrocada, e sim convocam o corpo ao deslocamento atento por entre os palimpsestos das páginas e avenidas. As marcas pregressas de um território por vezes passam imperceptíveis, dada a sutileza do que resiste aos desmontes impulsionados pelos avanços intermináveis que recaem sobre o espaço. Os vagalumes deixam-se ver apenas a noite, ao emitirem seus sinais luminosos intermitentes e

¹¹ BENJAMIN, Walter. *O anjo da história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. p.14.

fugazes¹². No clarão do dia, tornam-se invisíveis ao nosso olhar, o que não quer dizer que não estejam aí, em algum lugar. A memória é como esta frágil existência, que ora se acende e se faz perceber, em busca de um testemunho que lhe conceda o direito à existência e, por que não, ao esquecimento. Retornamos ao leito do rio na medida em que instauramos as brechas necessárias no cotidiano para vislumbrar um por vir, que não se quer avesso ao passado, mas que pretende incorporá-lo enquanto experiência de inacabamento e de desdobramento para além das catástrofes e dos limites impostos pelas ideias de progresso. O grupo narra sobre o trem que foi-se embora, a pesquisadora escreve a partir das matérias desmanteladas da pequena estação ferroviária, ocorre que o próprio pesquisar é acometido pela ausência dos antigos moradores, então o texto é superfície concreta para o murmúrio que persiste. O gesto de escutar o ínfimo acarreta numa bifurcação: os caminhos são estremecidos a cada nova imagem de pensamento, que como uma fagulha subitamente invade a janela da máquina em movimento. A locomotiva continua a andar mesmo depois de lhe terem decretado parar, pois segue habitando certa espessura do tempo por onde passa a costura, que segue em aberto, do que foi com o que virá.

A porosidade das pedras usadas nas construções encontra-se incorporada aos relatos de viagem do narrador, seja ele Walter Benjamin¹³ inclinado sobre a região portuária de Nápoles, ou Roland Barthes¹⁴ que sonha com a Itália de Stendhal na estação central de Milão. Aquarelar as cenas díspares de um cenário poeticamente implica na deriva que a todo instante leva os passos a se desorientarem de seu caminho e o pensamento a escapar da mera descrição ou representação dos objetos. Ao tatear os sensíveis assentados sobre o tecido percorrido, gestos, afetos, cheiros e

¹² DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p.45.

¹³ BENJAMIN, Walter. *Imagens de pensamento. Sobre o haxixe e outras drogas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017a. p.9.

¹⁴ BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p.370.

ruídos saltam como faíscas que, ao serem reunidas, conferem consistência aos retratos constituídos. Estes não são imutáveis, tampouco estáveis, visto que materializam os impasses da duração e o seu permanente tensionamento com a vida, a morte e o esquecimento. Victor Hugo¹⁵, na ode ao arco do triunfo, afirma que “o tempo não subtrai nada às coisas [...], nunca, embora ele quebre e enferruje, a roupa da qual ele os despoja, não vale aquela com a qual ele as reveste”, portanto, o que está em jogo é o verso que anuncia a metamorfose de tudo que vive.

Referências

BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BENJAMIN, Walter. *Imagens de pensamento. Sobre o haxixe e outras drogas*. Trad. João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

_____. *O anjo da história*. Trad. João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

_____. *Passagens*. Belo Horizonte: Trad. Irene Aron e Cleonice P. B. Mourão. Editora UFMG, 2009.

_____. *Rua de mão única. Infância berlinense: 1900*. Trad. João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

CEZAR, Brida E. S. *A ética da memória nos trilhos da ferrovia: narrativas poéticas de um processo de pesquisa*. Porto Alegre: UFRGS, 2018, Dissertação (Mestrado).

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Trad. Vera Casa e Nova Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

GAGNEBIN, Jeanne M. Sobre a noção de Spielraum em Walter Benjamin: resistência e inventividade. In: *I Congresso Internacional Walter Benjamin: Barbárie e Memória Ética*, 2018, Porto Alegre, PUCRS.

¹⁵ Apud BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. pp.133-134.